

O SENTIDO DE MOTOBOY TRANSGRESSOR

Julia Frascarelli LUCCA

Orientadora: Profa. Dra. Mónica Graciela Zoppi-Fontana

RESUMO: O espaço urbano é marcado pela complexidade, pela heterogeneidade de seus sujeitos e, conseqüentemente, pela complexidade de significações. A partir dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso, este artigo busca compreender os sentidos que significam os sujeitos no trânsito urbano e, para isso, tem como objeto os discursos sobre o Motoboy da cidade de São Paulo. Em muitas falas da cidade, o Motoboy é designado enquanto sujeito transgressor. A partir desta designação, quais outros sentidos estariam significando o Motoboy de São Paulo? A compreensão desses sentidos produzidos é de suma importância para que fuçamos do senso-comum e do já estabilizado.

Palavras-chave: Análise do discurso; Urbano; Motoboy; Transgressão; Organização urbana.

Introdução

Este trabalho¹ visa compreender o funcionamento dos discursos que designam o Motoboy enquanto sujeito transgressor. Para isso, tem como objeto discursos sobre o Motoboy, sujeito este que se representa e se identifica em meio aos discursos da *organização urbana*, os quais representam um imaginário sobre a cidade e, em consequência disso, silenciam o seu *real*.

No trânsito de São Paulo, o Motoboy é frequentemente significado enquanto “problema social” e causador de “conflito social”. Acreditando que, para compreender os efeitos desses sentidos na cidade, a análise deve buscar constantemente a articulação língua/sujeito/história, baseio-me na perspectiva teórico-metodológica da Análise do Discurso (AD), fundada por Michel Pêcheux. Parto, portanto, da materialidade dos discursos com o intuito de chegar à compreensão das formações ideológicas presentes no discurso sobre o Motoboy de São Paulo.

¹ Este artigo foi apresentado no 7º SePeG - Seminário de Pesquisas da Graduação - IEL/UNICAMP. Uma versão inicial foi apresentada no I CIELLI – Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários, na UEM – Maringá, em junho de 2010.

O material analisado é composto de enunciados extraídos de dois textos midiáticos, a entrevista realizada no documentário “Motoboy: vida loca” com o psicanalista Jacob Goldberg e a crítica de Raphael Mesquita sobre o filme “Os 12 trabalhos” na Revista de Cinema online “Contracampo”. Ambos os textos definem o Motoboy enquanto transgressor.

A questão de funcionamento que norteia essa análise é: quais sentidos são produzidos quando o Motoboy é designado enquanto sujeito transgressor?

Análise do discurso como fundamentação teórica

A fim de abordar os aspectos linguísticos e, mais precisamente, os discursos e sentidos que envolvem os sujeitos na urbanidade, este trabalho se inscreve no domínio da Análise do Discurso (AD), disciplina fundada pelo filósofo Michel Pêcheux a partir da influência do Marxismo Althusseriano, da Psicanálise Lacaniana e da Linguística.

A partir da apreensão das bases do Materialismo histórico, esta perspectiva considera o *real da história*, pois tem como pressuposto que, por mais que o homem faça história, esta não lhe é transparente (ORLANDI, 2007). Além deste, há que se considerar também o *real da língua*, sujeito a falhas e equívocos, já que, como nos mostra Pêcheux (2008, p.53),

[...] todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, de deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro [...]. Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise do discurso.

Tendo como objeto o discurso, a AD parte do princípio de que este tem em si uma produção de sentidos entre sua materialidade e historicidade, os quais não podem ser esgotados completamente nem pela linguagem e nem pela história. Sempre haverá espaço para a deriva, para outros sentidos e discursos. Isto se deve pelo fato de que o discurso não pressupõe um fechamento e nem uma homogeneidade. “A incompletude é a condição da linguagem” (ORLANDI, 2007, p. 37). Há uma constante produção de sentidos e discursos.

A estabilização dos sentidos, a repetição do mesmo é a *paráfrase*. Através dela temos a *produtividade*, ou seja, a reiteração de sentidos cristalizados. A mídia é exemplo dessa produtividade. Não vemos a *criatividade* nos discursos midiáticos, pois para isso é necessário o deslocamento, a ruptura de sentidos. (ORLANDI, 2007). Por esse motivo, nos enunciados analisados nesse trabalho foi empregado o recurso da paráfrase, para que possamos dar visibilidade aos sentidos que são constantemente repetidos e que, por esse mesmo motivo, estão cristalizados em nossos dizeres.

Para que essa análise seja produtiva, Pêcheux propõe que se busque a compreensão dos sentidos produzidos pelo objeto levando-se em consideração as *formações ideológicas* presentes no mesmo, para que se evite a afirmação do óbvio e para que seja possível o deslocamento, a ruptura. O analista do discurso deve, portanto, pensar a linguagem rejeitando os sentidos comuns, os lugares já-estabilizados e, para tal, deve construir um dispositivo teórico analítico de interpretação capaz de

[...] colocar o dito em relação ao não dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro, procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras (ORLANDI, 2007, p. 59).

Compreender os discursos é procurar saber como funcionam as interpretações dos sujeitos a partir dos sentidos que eles revelam em suas falas e, para atingir tal compreensão, este dispositivo de interpretação permite que o analista se desloque de sua posição de leitor e considere as *condições de produção* do discurso, ou seja, seu contexto imediato, as circunstâncias da enunciação, o aqui e o agora do dizer; e seu contexto amplo, o sócio-histórico e ideológico (ORLANDI, 2006; 2007).

Para atingir tal compreensão, é importante considerar alguns mecanismos de funcionamento dos discursos, como o de *relação de sentidos*, noção de que um discurso tem relação com outros discursos ditos, imaginados ou possíveis; o de *antecipação*, processo em que o sujeito pode colocar-se no lugar de seu interlocutor e, assim, antecipar-se quanto ao sentido produzido por suas palavras regulando sua argumentação; e o de *relação de forças*, isto é, o mecanismo pelo qual o lugar que o sujeito ocupa quando diz é constitutivo de seu dizer.

Assim, a partir da caracterização das posições dos sujeitos no discurso por esses mecanismos, pode-se pensar no conceito de *formações imaginárias*, visto que as posições não se dão apenas pelos lugares que os sujeitos ocupam na sociedade, mas pelas imagens que resultam de suas projeções (ORLANDI, 2007). São essas imagens produzidas pelo mecanismo imaginário que constituem as diferentes *posições-sujeito*.

A urbanidade do ponto de vista discursivo

O espaço urbano, compreendido como “espaço material concreto funcionando como sítio de significação que requer gestos de interpretação particulares. Um espaço simbólico trabalhado na/pela história, um espaço de sujeitos e de significantes” (ORLANDI, 2004, p. 32), é marcado pelo complexo sistema de relações humanas que se modificam constantemente e, ainda, pela heterogeneidade desses sujeitos.

Com o recorte da circulação urbana, considera-se aqui a cidade em sua dinamicidade e busca-se compreender os sentidos que significam os sujeitos em meio ao trânsito urbano, mais especificamente o sujeito Motoboy.

A partir da análise dos discursos que circulam na cidade, é possível apreender o *discurso da organização urbana*, definida por Orlandi (2009, p.1) como aquilo que está ligado

[...] ao imaginário projetado sobre a cidade, tanto pelos seus habitantes como pelos especialistas do espaço, como urbanistas, administradores etc. que, assim, se relacionam com a cidade através desse imaginário, organizando o espaço da cidade, planejando-o, calculando-o de maneira empírica ou abstrata de acordo com seus objetivos. Em geral, ignorando, silenciando as reais necessidades histórico materiais do espaço enquanto instância real, própria à cidade que está sempre em movimento. (ORLANDI, 2009, p.1)

A cidade, devido à quantidade de significações e repetições dessas na linguagem, é repleta de senso-comum. Os estereótipos, os clichês e os lugares comuns fazem parte do imaginário social da cidade. O que a AD faz é analisar justamente esses enunciados estabilizados (ORLANDI, 2004), para que assim seja possível pensar o novo.

O Motoboy de São Paulo

Ainda que já fossem bastante visíveis, os Motoboys começaram a atrair mais atenção principalmente depois da estréia do documentário “Motoboys: vida loca” de Caito Ortiz em 2003. Este documentário teve uma expressiva repercussão e um dos dados apresentados que mais circularam pela imprensa foi o de que a cada dia morrem dois motoboys na cidade de São Paulo. Embora essa informação colhida antes de 2003 não esteja atualizada, é fato que o número de mortes de Motoboys é preocupante.

É difícil precisar o número de Motoboys na cidade de São Paulo, as fontes estimam de 200 a 400 mil. Em nível nacional, segundo o Jornal da Globo² de 8 de julho de 2009, estima-se cerca de 2,5 milhões de Motoboys e Moto-taxistas rodando atualmente no Brasil.

Em meio ao conflito por espaço nas grandes cidades, esse profissional representa uma alternativa de circulação no trânsito caótico, pois consegue desviar os outros veículos tornando sua viagem muito mais rápida, como comprova o documentário (2007) ao informar que “uma motocicleta leva 8 minutos para atravessar os 2,8 km da Avenida Paulista na hora do rush. Um carro gasta em média 30 minutos, mesmo tempo de uma pessoa caminhando”.

Por ser veloz e por poder andar entre os carros³, este veículo se estabelece enquanto atrativo e alternativa, muitas vezes a única, para a circulação de mercadorias das cidades. Dessa forma, fica evidente que o aumento do número de motocicletas nas cidades de grande e médio porte representa o sintoma da demanda pela velocidade nessa nova ordem do mercado.

O Motoboy e o serviço de *delivery* são criações do mercado para atender a exigência dos consumidores da sociedade contemporânea. Um fator que permitiu esse serviço foi a facilidade de comunicação entre clientes e fornecedores através da internet e telefones para a realização de pedidos. A justificativa para que a entrega fosse realizada pelo Motoboy vem justamente dos sentidos de emergência e urgência, sentidos estes que são constantemente ecoados na sociedade capitalista contemporânea, sobretudo nas grandes cidades. Assim, em cidades como São Paulo, é senso comum a necessidade de um profissional que atenda aos pedidos de forma quase que simultânea.

Além disso, há estudos científicos que defendem que o consumo deixou de ser uma simples prática cotidiana e adquiriu o papel de eixo organizador da sociedade contemporânea, pois tem o poder de modelar as formas de vida e de relacionamento (BAUMAN, 2008). Segundo o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2008), o que antes podia se chamar de sociedade de produtores transformou-se em *sociedade de consumidores*.

² Cf. NETTO, 2009.

³ O Presidente da República Federativa do Brasil, Fernando Henrique Cardoso, vetou, durante seu primeiro governo, o Art. 56 do Código de Trânsito Brasileiro (CTB) que proibia a circulação de motocicletas entre os carros. “Art. 56. É proibida ao condutor de motocicletas, motonetas e ciclomotores a passagem entre veículos de filas adjacentes ou entre a calçada e veículos de fila adjacente a ela.” (BRASIL, 1997).

O Motoboy é constantemente significado em meio a problemas sociais e é visto enquanto causador de conflito social durante o documentário “Motoboys vida loca” (2007). Outro ponto que chama a atenção neste documentário é a entrevista em que o Motoboy é definido em relação à transgressão. Assim, tendo em vista a sociedade capitalista que faz surgir o Motoboy e a necessidade deste, o que significa dizer que ele é um transgressor? O que o Motoboy estaria transgredindo?

Motoboy: um sujeito transgressor?

Ora apontados como heróis por conseguirem atravessar o bloqueio do trânsito, ora acusados de causar mais violência e acidentes no cotidiano da cidade, observa-se comentários de ódio e ao mesmo tempo de reconhecimento da importância dos Motoboys na circulação urbana, como pode ser verificado na fala de Jacob Goldberg no documentário (2007). O psicólogo ressalta essa contradição e nos destaca o sentido de transgressão que perpassa o Motoboy. Para Goldberg o Motoboy

[...] provoca e promove estresse. Então ele é um elemento de irritação para toda população [e ainda] [...] ele é uma figura [...] desprezada, invejada, mas paradoxalmente [...] ele também é invejado, [...] pelo despojamento dele [...] [1] **é um sujeito que permanentemente [...] está vizinho à transgressão.** [2] **Essa vizinhança da transgressão causa muita inveja a uma população como a população paulistana que é uma população aburguesada e convencional.** [...] Ele é uma espécie de herói-bandido. (MOTOBOYS: VIDA LOCA, 2007, transcrição minha)

Esta fala traz o enunciado: (1) “o motoboy [...] é um sujeito que permanentemente [...] está vizinho à transgressão”, o qual pode trazer à tona sentidos outros. Numa relação de sinonímia encontramos para o termo *transgressão* as palavras: contravenção, infração, violação e para o verbo *transgredir* temos os sinônimos: desobedecer, infringir, contravir, violar. Para o termo *vizinho* encontramos: junto, próximo, adjacente. Portanto, podemos encontrar as seguintes paráfrases para o enunciado (1):

- (1a) Sujeito que permanentemente está junto à desobediência
- (1b) Sujeito que é um potencial infrator
- (1c) Sujeito que permanentemente está adjacente à infração
- (1d) Sujeito que está sempre próximo à violação, à desobediência, à infração, à contravenção.
- (1e) Sujeito que está sempre pronto para violar, desobedecer, infringir, contravir.

Essas paráfrases revelam os sentidos negativos que estar “permanentemente vizinho à transgressão” traz. O Motoboy fica designado aqui como um ser errante e, por não termos explícito o complemento do verbo *transgredir* e do substantivo deverbal *transgressão*, o Motoboy é designado aqui como um quase – potencial – sempre pronto – transgressor.

Quanto ao enunciado (2) “Essa vizinhança da transgressão causa muita inveja a uma população como a população paulistana que é uma população aburguesada e convencional”, este nos remete ao sentido de que o Motoboy não faz parte da população paulistana. Ele é significado, portanto, enquanto sujeito à margem da sociedade.

Outro enunciado que define o Motoboy como transgressor, mas que explicita o complemento, é a crítica⁴ de Raphael Mesquita ao filme “Os 12 trabalhos”⁵, na Revista online Contracampo – Revista de Cinema. Nela, é possível apreender os enunciados

- (3) A cidade não para. E são os motoboys que, como transgressores de uma lógica de trânsito, em que um segue o outro linearmente, corrompem a organização (também estética) da cidade.
- (4) Como bichos geográficos, alteram os mapas de trânsito, confundindo e conturbando.

Em (3) temos explícito que o motoboy transgride, desobedece, infringe a organização da cidade, aquela em que os outros veículos estão linearmente dispostos nas ruas. De acordo com o dicionário da língua portuguesa, Larousse, *organizar* tem o sentido de “dispor para funcionar”. Assim, a cidade é significada neste enunciado como aquela em que os veículos estariam dispostos a funcionar, já que estariam linearmente constituindo o espaço urbano, mas que, devido à presença dos motoboys, deixa de ser organizada e, consequentemente, deixa de funcionar.

É possível apreender, a partir deste enunciado, o *discurso da organização urbana*, acima definido por Orlandi (2009, p. 1), já que temos revelado aqui o imaginário de trânsito urbano e, consequentemente, de cidade planejados, funcionais e organizados.

Esse funcionamento é repetido em (4) quando os motoboys são designados como “bichos geográficos”, pois alteram os mapas de trânsito. “Mapas de trânsito” estão designando a cidade enquanto organizada, planejada. E “os bichos geográficos” designam os Motoboys como as larvas de parasitas que migram a pele humana formando “mapas” que aumentam dia após dia. Assim, uma possível paráfrase seria

- (4a) Motoboy é uma doença/anomia crescente que deve ser combatida.

Retomando, o motoboy é designando nos enunciados (1), (2), (3) e (4), como um *errante* e como uma *doença/anomia que deve ser combatida*, pois não combina com a organização da cidade (enunciado 3 e 4), com a linearidade das ruas (enunciado 3) e nem com a população paulistana que é aburguesada e convencional (enunciado 2).

Logo na sequência do enunciado (4), ainda na crítica de Mesquita, temos o enunciado

- (5) Afinal, são frutos da modernidade, da aceleração, da correria que marca a contemporaneidade.

Em (5) é possível perceber, quando se explica a existência dos Motoboys, ou seja, do serviço *delivery* das grandes cidades, o quanto esse fato é naturalizado. O Motoboy é designado aqui como um fenômeno que naturalmente provém da modernidade, aceleração e correria. Temos, inclusive, a própria contemporaneidade sendo designada pela aceleração e

⁴ Parágrafo em que foram extraídos os enunciados, vide Anexo.

⁵ “Os 12 trabalhos”, 2006, de Ricardo Elias, conta a história de um recém-saído da FEBEM, Heracles, que tenta superar seu passado em busca de um serviço honesto como motoboy. Para conseguir o emprego, o adolescente tem de realizar doze tarefas cruzando todos os bairros paulistas e suas armadilhas. É, portanto, uma leitura contemporânea do mito de Hércules no caos urbano de São Paulo.

correria. É possível revelar, portanto, o discurso que estabiliza o sentido de nossa sociedade enquanto “sociedade de consumidores”, assim como encontramos no discurso científico de Bauman (2008).

Para finalizar, trago alguns sentidos apreendidos a partir da família parafrástica que resumem a designação do Motoboy enquanto sujeito transgressor. O Motoboy:

- √ Perverte a organização da cidade,
- √ É um ser errante,
- √ Está à margem da sociedade,
- √ É uma doença/anomia que deve ser combatida,
- √ É um produto natural da contemporaneidade e do consumo.

Considerações finais

Ao ser designado enquanto “sujeito transgressor”, o Motoboy tem outros sentidos sobre si sendo produzidos. Nesses enunciados aqui analisados, podemos verificar o quanto esses sentidos são negativos e significam o Motoboy como aquele que corrompe o trânsito de São Paulo que, se não fossem os Motoboys, seria organizado.

Levando-se em consideração conclusões já elaboradas por Orlandi (2009), pode-se perceber nessa breve análise sobre o Motoboy que o *urbano* tem se sobreposto sobre a cidade, ou seja, a cidade tem sido significada pelo discurso da *organização urbana*. Os enunciados de Motoboy significado enquanto sujeito transgressor revelam o imaginário da organização sobrepondo-se às reais necessidades da cidade e de seus sujeitos.

A partir da análise discursiva desses enunciados, foi possível, portanto, identificar o *discurso do consumo* que prega a velocidade, rapidez, eficiência e urgência nas compras e entregas silenciado e estabilizado na configuração da contemporaneidade e o *discurso da organização urbana* que, ao produzir o senso-comum e o imaginário social a partir de generalizações na maneira de significar a cidade, pressupõe a organização, o planejamento e o controle do espaço urbano.

Entretanto, segundo Orlandi (2004, p.34), a ordem da cidade, ou seja, *o seu real* (ou o discurso social) silenciado pelo imaginário produzido pelo *discurso do urbano* pode revelar a desordem, a indistinção, a ambiguidade através das *falas desorganizadas*, ou seja, os

[...] lugares onde sentidos faltam, incidência de novos processos de significação que perturbam ao mesmo tempo a ordem do discurso e a organização do social. O conhecimento desses processos contribui para a melhor compreensão do que tem sido tratado sob o nome genérico de “conflito social”. (ORLANDI, 2004, p. 63)

Dessa forma, para futuros trabalhos de análise, buscarei a compreensão dos sentidos produzidos por essas *falas desorganizadas* para que não fiquemos apenas reproduzindo o senso-comum e o estabilizado. Sob esta perspectiva discursiva, deve-se lidar com os movimentos de transgressão da língua buscando seus pontos de deriva, as transgressões da história evidenciadas em suas contradições e, conseqüentemente, as transgressões do discurso reveladas por essas *falas desorganizadas* que rompem os sentidos já estabilizados na cidade e trazem outros à tona.

Referências Bibliográficas

- BAUMAN, Z. (2008). *Vida para consumo. A transformação das pessoas em mercadorias*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar.
- BRASIL, (1997). Código de Trânsito Brasileiro [CTB]. Lei nº 9.503, de 23 de setembro de 1997. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L9503.htm>>. Acesso em: maio 2009.
- GUIMARÃES, E. (2002). *Semântica do Acontecimento*. Campinas: Editora Pontes.
- _____.(2006). Semântica e Pragmática. In.: GUIMARÃES, E; ZOPPI-FONTANA, M. (Orgs.). *A palavra e a frase*. Campinas: Editora Pontes.
- MESQUITA, R. (2006). Os 12 trabalhos. *Contraponto. Revista de Cinema*, n. 82. Disponível em: <<http://www.contracampo.com.br/82/fest12trabalhos.htm>>. Acesso em: 2 fev. 2010. (crítica do filme “Os 12 Trabalhos” de Ricardo Elias, Brasil)
- MOTOBOYS: vida loca. (2007) Direção: Caito Ortiz. São Paulo: Prodigio. DVD.
- NETTO, V. (2009). Senado regulamenta profissões de motoboy e mototaxista. *Jornal da Globo*. Brasília. Edição do dia 08/07/2009. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornaldaglobo/0,MUL122373616021,00SENADO+REGULAMENTA+PROFISSOES+DE+MOTOBOY+E+MOTOTAXISTA.html>> Acesso em: jul. 2009.
- ORLANDI, E. (2009). *A Casa e a Rua: uma relação política e social*. In: 61ª Reunião Anual da SBPC, Manaus, AM. Anais eletrônicos... Disponível em: <http://www.sbpnet.org.br/livro/61ra/conferencias/CO_EniOrlandi.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2010.
- _____.(2007). *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas: Editora Pontes.
- _____.(2006). Análise de Discurso. In: ORLANDI, E.; LAGAZZI, S. (Orgs). *Introdução às ciências da linguagem: Discurso e Textualidade*. Campinas: Editora Pontes.
- _____.(2004). *Cidade dos Sentidos*. Campinas: Editora Pontes.
- PÊCHEUX, M. (2008). *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora Pontes.

Anexo

Parágrafo em que foram extraídos os enunciados (3), (4) e (5) da Crítica “Os 12 trabalhos” de Raphael Mesquita em *Contracampo: Revista de Cinema*, 82.

Crítica

OS 12 TRABALHOS

Ricardo Elias, Brasil, 2006

“De maneira coerente, a câmera de Elias sempre se posiciona ao lado de Heracles. Planos próximos do rosto do personagem investigam pela estética o que traz a sua essência. Os planos da agitada e violenta vida dos motoboys são contrastados. Se o modo de filmar é simples, bem como as atitudes de Heracles, a movimentação (o vai e vem) está fortemente presente. A cidade não para. E são os motoboys que, como transgressores de uma lógica de trânsito, em que um segue o outro linearmente, corrompem a organização (também estética) da cidade. Como bichos geográficos, alteram os mapas de trânsito, confundindo e conturbando. Afinal, são frutos da modernidade, da aceleração, da correria que marca a contemporaneidade.